

Os Emigrados: um debate social



Paraibano, diretor de cinema, mais conhecido como documentarista (seu primeiro filme de ficção, *A Volta do Filho Pródigo*, está sendo concluído), e produtor de teatro (*O Homem de La Mancha*, *Um Edifício Chamado 200*, *Check-up*). Ipojuca Pontes estréia na direção teatral com *Os Emigrados*, em cartaz no Teatro Carlos Gomes, uma peça do polonês Sławomir Mrozek (*Tango*), produzida por Tereza Rachel, com Rubens Correa e Sebastião Vasconcelos. Para Ipojuca, a chave da peça está numa apre-

ciação sobre o seguinte: todo regime ditatorial, quer de esquerda, quer de direita, que se burocratiza, tende a se esclerosar e a cercear a liberdade de pensamento e criação e a divisão de riquezas. Fazendo uma pergunta — "qual a diferença entre um paxá e um burocrata soviético?" — Ipojuca afirma que Mrozek, nesse texto, critica a traição do regime socialista na Polônia, cujo Governo cerceou a liberdade de expressão, tornando o autor um dissidente, hoje exilado em Paris. O diretor acredita que, apesar do clima sombrio que percorre a peça,

ela não é pessimista e cita o próprio Mrozek como exemplo de resistência, diz que o autor coloca no final a possibilidade do dia seguinte, um futuro que mude a situação. Basicamente, para Ipojuca, a pergunta que *Os Emigrados* faz é esta: Por que quem produz e pensa não está mandando no mundo de hoje e sim quem vive catalogando, carimbando?

Na quinta-feira, à noite, no Carlos Gomes, Ipojuca Pontes recebeu a imprensa escrita, falada e televisada. O que segue são trechos da entrevista coletiva.

CADERNO DOIS DOMINGO

VITÓRIA (ES), DOMINGO, 16 DE ABRIL DE 1978

IPOJUCA PONTES

"A atualidade de *Os Emigrados* está no fato de colocar em pauta o problema da liberdade de expressão, de anistia política, o problema, enfim, da dor humana em terras estrangeiras. Por isso é que eu achei por bem encenar a peça de Mrozek, marcando assim a minha estréia na direção teatral. Eu tinha evidentemente alguma prática em teatro. Produzi *O Homem de La Mancha*, *Um Edifício Chamado 200* e uma outra peça do meu irmão, Paulo, *Check-up*, no Rio de Janeiro. De modo que não era um terreno alheio à minha experiência. Foi uma satisfação dirigir esta peça, porque ela é atualíssima. A resposta da crítica, do público, evidentemente, tem seu nível e seu padrão. *Os Emigrados* não é uma peça fácil. Ela se presta a um determinado tipo de público. Liberais, estudantes, advogados... certa faixa de público, que hoje no Brasil é considerável, e que esteja aberto a um nível de diálogo, que se faz cada vez mais necessário, não só no Brasil, ou seja, um torno da abertura política. A peça coloca o problema do totalitarismo, quer de direita, quer de esquerda. Portanto, é uma peça extremamente atual dentro do panorama do teatro brasileiro. A peça vem de um êxito e está sendo um êxito em diversas capitais da Europa: Londres, Madrid, Paris, na Suíça... não sei em qual cidade, e recentemente ela está sendo encenada em Nova Iorque, em teatro off-Broadway. De modo que Mrozek é um autor bastante feliz, que detém um número de peças consideráveis já encenadas no Brasil, tais como *Tango*, *Um Tigre no Banheiro*, *Strip-Tease em Alto-Mar*, apresentadas nesses últimos cinco anos no Rio e São Paulo e acredito que aqui em Vitória também. A grosso modo, está a possibilidade de o público de Vitória tomar conhecimento, contato, com um tipo de teatro que é um debate vivo em torno das liberdades humanas, e que no teatro encontra o local decisivo, tanto quanto o Parlamento, dentro de uma igreja, para veiculação dessas necessidades humanas, necessidades que são vitais para o desenvolvimento do ser humano, quer intelectual, quer emocional, quer culturalmente. Então, este é um grande momento, um momento oportuno para o público de Vitória, em primeira mão — fora o público do Teatro Gláucio Gil, no Rio ou o que prestigia as encenações no Grande Rio — ver este texto admirável durante estes dias em que a peça será encenada aqui no Carlos Gomes. O palco do teatro é um palco tradicional, a peça é uma peça no sentido teatral tradicional, uma peça realista e psicológica e quero crer que venha refundar numa encenação e num espetáculo felizes".

"O que fica num espetáculo teatral não é a forma, é o conteúdo.

Há toda uma dramaturgia sedimentada ao longo dos séculos, que vem de Shakespeare até o Molière, por exemplo, que sedimenta a sua verdade no conteúdo. O sujeito pega determinado tema, fixa o tema, o analisa e, dependendo da qualidade do dramaturgo, com tal prospeção, profundidade e universalidade, que ele prevalece ao longo de séculos. Toda a obra shakespeariana é bem uma evidência disso. O Mrozek não foge a essa perspectiva. Ele é um dramaturgo que para chegar ao teatro realista, ao teatro psicológico, quer dizer, o teatro que não tem mais experiências formais, ele amadureceu ao longo de, quero crer, oito peças. Então, as experiências formais que esse autor tinha que fazer, as fez e, não conheço a obra dele, mas quero crer que fez bem. Diria que *Os Emigrados* é uma espécie de funil, onde o autor se preparou ao longo de vários anos para poder realizar. Alé que o teatro encontra sua verdadeira expressão, sua verdadeira grandeza. O teatro é o exercício da razão e da arte. Também faço cinema tendo esses princípios como postulados. O teatro é exatamente a expressão da razão e da emoção humana através da palavra humana defendida por atores. Então, dentro desta concepção teatral, o que importa efetivamente é a discussão, o conteúdo, dentro de uma forma dramática que venha estimular a recepção por parte do público. Mrozek é um sujeito que domina a carpintaria teatral com extrema riqueza e com extrema simplicidade, ao mesmo tempo; então ele se serve, no caso específico de *Os Emigrados*, de uma noite de fim de ano, a transição entre um ano que se acaba e um ano que se começa. Então, a partir de uma noite de fim de ano, ele coloca dois emigrados num país distante, frio; um excessivamente inteligente, teórico, outro absolutamente materialista e um tanto bronco, mas objetivo e densamente humano e faz com que esses dois: arquétipos se confrontem, se engrandecem e se diminuem, um e outro, diante de problemas que são universais. Problemas da miséria humana, da dor humana, da alegria, da liberdade humana, problemas políticos, do embrutecimento do operário diante do trabalho, problema do salário, da liberdade de expressão, a angústia humana por não chegar, praticamente no final do século 20, ao estágio que seria necessário. Então esse dramaturgo se serve da palavra, dos símbolos humanos mais claros e nítidos, e ele chega até a colocar a coisa ao nível de festa de fim de ano, não existe convenção maior, e redonda tudo isso, esse conflito, esse confronto entre dois atores e duas psicologias num duelo verbal, dramático, excessivamente humano, extraordinariamente denso, que faz com que qualquer ser humano, das mais variadas categorias e escalas

sociais, que esteja no palco, se identifique, entenda o drama humano, quer ele ocorra na União Soviética, na Polônia, no Chile, em Cuba, etc. Então, há uma universalidade a partir de certos consensos e eu quero crer que, embora a Polónia não seja hoje catalogada como país do Terceiro Mundo (o Mrozek é um autor polonês), a Polónia vive problemas de ordem de superestrutura que são problemas de Terceiro Mundo, problemas de países que não têm domínio sobre o futuro e que são dominados politicamente e até economicamente. Mas esta peça é sobretudo... é uma comédia, uma comédia negra, é sobretudo uma peça humana, densamente humana, onde, à margem qualquer localismo ou localidade que o espectador venha ver, ela se materializa e se engrandece exatamente a partir dessa sua grandeza humana. O confronto entre um sujeito rude e um sujeito inteligente, o confronto do materialista e o idealista, o que rememora, aquele velho filme, *Os Miseráveis*, está estratificado no conteúdo da obra de Cervantes chegou a quatro séculos exatamente porque ela é universal, profunda e ainda hoje se mostra atual. Esse conflito entre um sujeito idealista com um outro profundamente materialista parece congrega o maior êxito, o maior fascínio da peça e que, por felicidade, me parece que é hoje o problema do mundo; o conflito entre as coisas que devem se aprimorar, mas ao mesmo tempo ligadas a interesses profundamente materiais. A sociedade brasileira hoje tem esse tipo de conflito, uma sociedade que a todo custo procura a riqueza, procura se

estabelecer nos mitos, torno a dizer, de riqueza e grandeza e ao mesmo tempo está identificada com princípios de formação cristã que é a estratificação da espiritualidade, da generosidade, do não apego ao material. Então, dentro desse ponto de vista, a peça é realmente uma experiência, um espetáculo fascinante".

"O Mrozek se deu a experiências formais antes de atingir um nível de discussão e de conteúdo universal. Então, as experiências que ele fez em *Tango* e em *Strip-Tease* não são mais alvo de suas preocupações. *Os Emigrados* é sua peça mais recente, data de 1973. É possível que em outra peça ele venha a discutir formalmente, agora ele não faz mais nada do que um teatro aristotélico, um teatro que procura dar vazão à razão e à emoção, um teatro de começo, meio e fim, que procura a emoção, que se comunica através dos padrões tradicionais de dramaturgia; então ele não faz nenhuma procura formal, não instiga o público, nenhuma concessão no sentido de elaborar uma forma nova, ele se dedica no que existe de mais tradicional dentro do teatro. Acho que o Mrozek, agora, está procurando o teatro clássico, uma coisa mais permanente, que possa ser ensinada hoje e daqui a cinquenta anos e que esteja obedecendo a uma essência, que é o conteúdo humano universal, mais imorredouro, porque o ser humano tem conflitos que independem da forma como você aborda, tem conflitos que não foram ainda solucionados; então, a medida em que esses conflitos não foram ainda solucionados, eles não pedem uma forma nova, uma forma nova é sempre a expressão de um conteúdo novo. Ora, se o ser humano ainda se debata em anistias, em problemas de ordem social, econômica e política

que datam do tempo da Grécia, é muito difícil se querer para esses assuntos incorporar uma forma nova que seja a expressão de uma necessidade. Você pode, efetivamente, elaborar isso numa linguagem moderna, mas pode também elaborar dentro de uma linguagem tradicional. Essa, me parece, foi sua ambição ao realizar *Os Emigrados*. Já que era um discurso atual, ele procurou dois atores que tivessem uma posição antagônica e os colocou de forma tradicional dentro do palco. Isso não quer dizer que o teatro esteja em crise, que não existam outras maneiras e outras formas de se abordar igual conflito. O teatro brechtiano, quando ele melhor se realiza, há quem diga, é exatamente quando se tornou tradicional, é quando Brecht se rendeu às teorias de Aristóteles, por exemplo, que é o teatro épico no sentido de unidade, de tempo, lugar e ação, o teatro de emção, o teatro não de distanciamento, de peças como *Os Fuzis da Senhora Carrar*, *Galleu Galleu*, *Mãe Coragem*. São nessas peças que Brecht não exercitou sua teoria do distanciamento e que são hoje seus melhores êxitos dentro do teatro mundial. Então, o próprio Brecht chegou a um nível de teoria formal dentro do teatro que ela se presta a uma série de esclarecimentos, uma série de apreensões críticas do país que outro veículo, outro meio de expressão, nem estão em condições, por força de sua própria penetração democrática, de atingir, porque a Censura não deixa, de um lado, nem também tem condições porque não há como apresentar emocionalmente, como um drama vivido num palco, que é uma coisa específica do teatro, problemas humanos. Então, quero crer que o teatro, como qualquer outra atividade dentro deste país, tem exatamente sua razão de ser e que historicamente, infelizmente, no momento que atravessamos, só pode chegar até à classe média. Se o teatro chega hoje, dentro dessas limitações, à classe média discutindo claramente — por acaso é essa a posição do Mrozek neste texto — ele exerce sua missão, que é de criticar emocionando, fazendo o Homem conscientizar-se de seus problemas através da grandeza do teatro, que é expressar num palco, com o ator, com a palavra, a tragédia, a grandeza, os obstáculos humanos! Só através da elaboração, do entendimento crítico da realidade, você pode sensibilizar a classe média que vai ao teatro e ao cinema hoje no Brasil, e que está alheia por causa da massificação cultural, do colonialismo cultural, da importação de enlatados, de filmes e de peças que não têm nada a ver conosco. É exatamente a formulação dessas realidades que nos são próximas e que devem ser debatidas".

ele não é de elite, também não é democrático, porque toda sua estrutura econômica, mesmo com o paternalismo estatal, ela tem certos mecanismos que impede o homem do povo a frequentar o teatro. Então isso é realmente um problema sério que o teatro encontra, não só no Brasil. O que não me parece certo é dizer que a classe privilegiada, ou a classe média que vai ao teatro no Brasil, ela precisa de uma informação de linguagem, não me parece correto, porque esta mesma classe média é que tem condições políticas e culturais de entender este país, de entender as críticas no nível que a televisão e até mesmo o cinema não podem fazer, e que o teatro tem condições, e que pode a partir dessa concepção de teatro a partir dessa discussão que só o teatro estabelece porque a palavra viva é a palavra mais aprofundada, é a partir daí que a classe média brasileira pode chegar a um maior aprofundamento da discussão dos problemas, quer do ponto de vista lógico e científico, quer do ponto de vista humano e emocional. Então, o teatro, mais hoje do que o Parlamento, mais hoje do que o jornal, a revista, a televisão, mais do que o cinema, pode e deve efetivamente levar à classe média uma série de esclarecimentos, uma série de apreensões críticas do país que outro veículo, outro meio de expressão, nem estão em condições, por força de sua própria penetração democrática, de atingir, porque a Censura não deixa, de um lado, nem também tem condições porque não há como apresentar emocionalmente, como um drama vivido num palco, que é uma coisa específica do teatro, problemas humanos. Então, quero crer que o teatro, como qualquer outra atividade dentro deste país, tem exatamente sua razão de ser e que historicamente, infelizmente, no momento que atravessamos, só pode chegar até à classe média. Se o teatro chega hoje, dentro dessas limitações, à classe média discutindo claramente — por acaso é essa a posição do Mrozek neste texto — ele exerce sua missão, que é de criticar emocionando, fazendo o Homem conscientizar-se de seus problemas através da grandeza do teatro, que é expressar num palco, com o ator, com a palavra, a tragédia, a grandeza, os obstáculos humanos! Só através da elaboração, do entendimento crítico da realidade, você pode sensibilizar a classe média que vai ao teatro e ao cinema hoje no Brasil, e que está alheia por causa da massificação cultural, do colonialismo cultural, da importação de enlatados, de filmes e de peças que não têm nada a ver conosco. É exatamente a formulação dessas realidades que nos são próximas e que devem ser debatidas".

Dois emigrados em confronto: um (Rubens Correa) excessivamente inteligente, teórico, outro (Sebastião Vasconcelos) absolutamente materialista e um tanto bronco, mas objetivo e densamente humano. Os dois debatem na peça de Mrozek problemas humanos de caráter universal.

